A ESCRITA DO CASO SANDOR FERENCZI
E ANÁLISE DIDÁTICA EM QUESTÃO

Márcio Mariguela

Psicanalista, graduado em Filosofia e
Doutor em Psicologia da Educação pela
Universidade Estadual de Campinas
mmariguela@gmail.com.br
marciomariguela.com.br

1 - Prelúdio

"Nos últimos anos, dediquei-me principalmente a análises didáticas" –

Sigmund Freud / 1937

"Querido Wilhelm,

Minha autoanálise, é de fato, a coisa mais essencial que tenho no momento, e promete transformar-se em algo do maior valor para mim, se chegar a seu término"

Sigmund Freud / 15/10/1897

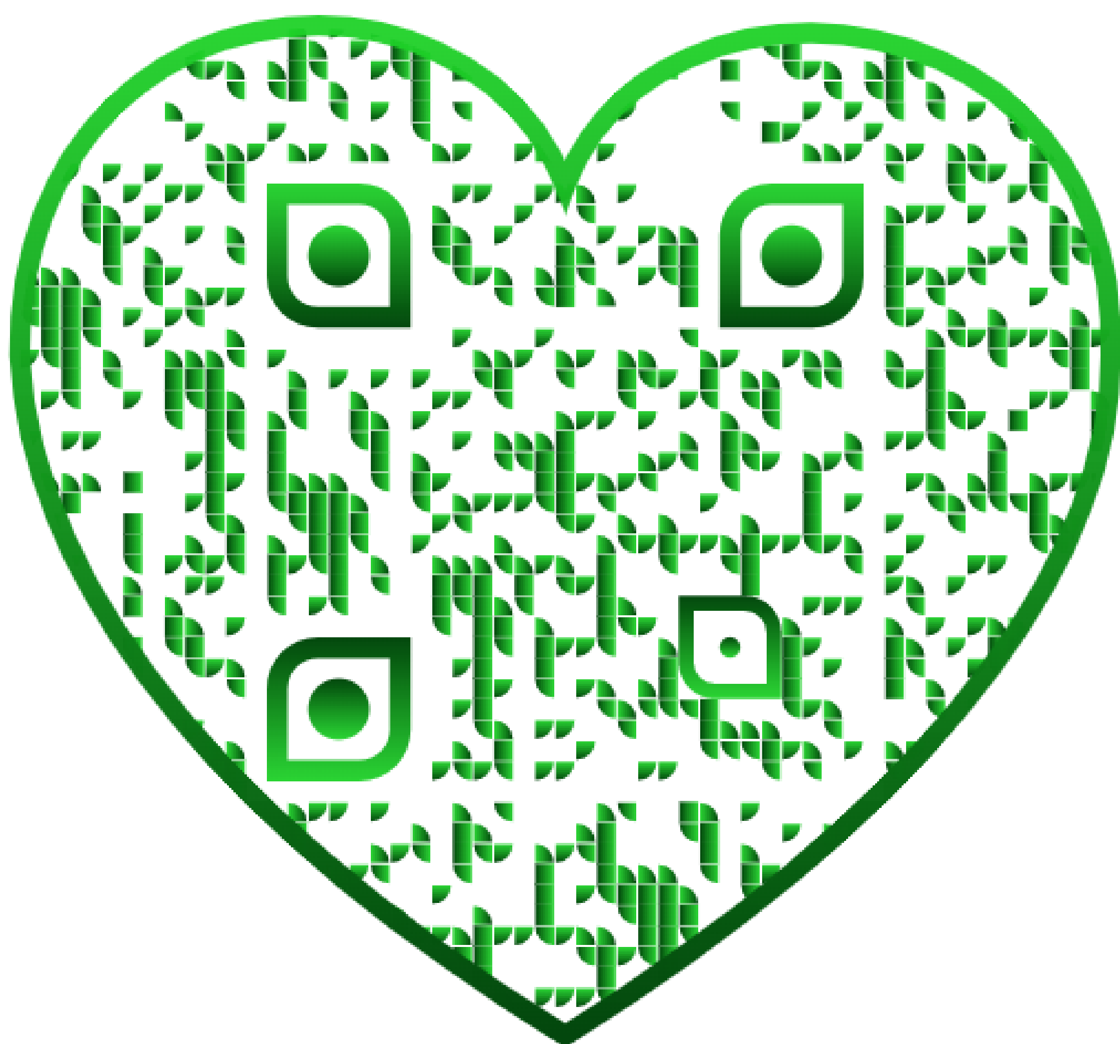
Quarenta anos se passaram entre as duas epígrafes e, neste tempo, a relação entre Sigmund Freud e seus amigos é um aprazível tema de investigação e pesquisa para aqueles demonstram um compromisso ético com causa/coisa freudiana.

Freud e seus amigos: de Breuer à Fliess; de Fliess à Jung; de Jung à Ferenczi.

Em seu conjunto, a *Correspondência Sigmund Freud & Sandor Ferenczi* abrange o período de 1908 a 1933. São mais de 1200 cartas, cartões, telegramas a recobrir um longo e ininterrupto trabalho de construção da obra freudiana, da clínica psicanalítica e de sua extensão, instituição e internacionalização do movimento psicanalítico.

Freud escreveu em 1937 o caso Ferenczi num único parágrafo do artigo *Análise Finita e Infinita*. No entanto, é possível traçar a genealogia do caso desde a primeira carta que registra o encontro decisivo entre o criador da psicanálise e o jovem medico de Budapeste.

Efetivamente, Ferenczi frequentou o divã de Freud durante três semanas em outubro de 1914 e três semanas em junho 1916, em ambos com duas sessões diárias. Uma análise intensiva para cumprir a exigência instituída da análise didática no III Congresso da Associação Psicanalítica Internacional em 1911: quem desejasse praticar a psicanálise deveria submeter-se a uma experiência de análise com psicanalista reconhecido da primeira geração.



Freud recebeu em análise didática aqueles que já estavam atuando na causa da psicanálise e na clínica psicanalítica. E, dada sua condição primeira, tornou-se a referência para praticar o que foi nomeado exigência institucional. Pretendo demonstrar que as sessões de Ferenczi com Freud cumpria primeiramente a tal exigência e, para além disso, a verdadeira experiência de análise de Ferenczi pode ser cartografada ao longo das cartas que nos foi transmitida desde o primeiro encontro em 1908. Para sustentar tal argumento escolhi como exemplo a carta de 26/dezembro/1912.

2 - A viagem à Sicília: a demanda de amor

O trabalho de pesquisa com as cartas que antecedem a experiência de análise de Ferenczi no divã de Freud demonstra que efetivamente tal experiência iniciou depois da viagem que ambos realizaram a sul da Itália, na mítica ilha siciliana. Vou destacar alguns aspectos histórico desta importante viagem dentre outras tantas que realizaram juntos.

A amigável relação de Freud & Ferenczi iniciou com as marcas de transmissão de pensamento, também conhecido como telepatia. Em alemão, a palavra *übertragung* pode significar: transmissão, transferência ou tradução. O aspecto etimológico é relevante para analisar o caráter emblemático que está em jogo no conjunto das cartas cambiadas entre o psicanalista de Viena e o médico contratado como perito de saúde pelo governo de Budapeste.

Sándor Ferenczi, transmissor da teoria freudiana, veio assumir a função de tradutor do inconsciente do próprio mestre. Passador da psicanálise, foi também um dos pioneiros a cumprir o preceito de que a formação do analista se realiza numa experiência intencional de análise.

A decisão de viajarem juntos à Sicília decorre dos eventos e laços de amizade (e fidelidade) vivenciados no 2º Congresso Internacional de Psicanálise em Nuremberg realizado em março/1910. Freud percebeu que as posições de Gustav Jung, a princípio escolhido como príncipe herdeiro, conduziria a inevitável ruptura e sua consequente deserção do movimento psicanalítico em 1914. O empenho e entusiasmo de Ferenczi, na época com 37anos de idade, durante o Congresso, fez com que Freud apostasse nele suas esperanças de transmissão da jovem ciência revestida de arte: a psicanálise.

No entanto, sua produção teórica foi subjugada e condenada pela própria Associação da qual foi um dos mais exaustivo organizador. Ter sido escolhido por Freud fez dele um ponto de convergência do ódio subjacente à irmandade dos psicanalistas.

Na *Correspondência Freud & Ferenczi* pode-se acompanhar, passo a passo, os preparativos da viagem ao sul da Itália. Desde o roteiro, passagens, hospedagem, vestuário, até as experiências clínicas, interesses de pesquisa e condição de saúde física e psíquica de cada um.

Freud vivencia o luto da ruptura com o amigo de juventude: Wilhelm Fliess, médico otorrinolaringologista de Berlim, considerado pelos historiadores como o parteiro da psicanálise. Pressentia que a amizade com Jung caminhava para derrocada final. Depositava em Ferenczi seu desejo de ter um interlocutor para

aplicação da teoria do inconsciente à clínica de pacientes psicóticos, em especial, a paranoia.

Ferenczi vivenciava um estado melancólico e depressivo com intensa produção de sintomas psicossomáticos. A luta fratricida no movimento psicanalítico deixava o representante de Budapeste num conflito insolúvel: estar à altura da demanda do mestre: na produção de artigos sobre o componente homossexual na paranoia e na organização da Associação Internacional.

Ambos contam os dias para as férias na Sicília: "todos os desejos concentram-se na viagem de setembro e ela é objeto de preparativos amorosos", escreveu Freud em julho/1910. No mês seguinte, Ferenczi escreveu ao Caro Professor: "Peço que o Sr. disponha de mim a seu bel-prazer. Inútil enfatizar que, por mais que eu deseje rever a Itália, atribuo menos valor à viagem e mais à sua companhia e estou disposto a encontra-lo onde quer que seja".

Em resposta, Freud expressou a grande expectativa da viagem: "Sicília será nosso maior momento. Concordo contigo: o importante é estarmos juntos. Espero que o Sr. me traga um final feliz para este amortecimento intelectual que me aprisiona no interior de um grande mal-estar".

Toda ascendente expectativa sofrerá um efeito reverso: a decepção e frustração em ambos. Desde os tempos de adolescência, quando Freud leu o relato de viagem do poeta Goethe ao sul da Itália, cultivava o desejo de conhecer Nápoles e Palermo. "Palermo foi uma orgia inaudita, que não se deveria conceder apenas a si mesmo", escreveu Freud à sua amada esposa Martha. Após quinze dias vagando pela capital da Sicília, decidiu visitar Agrigento e Siracusa: espécie de santuários da antiga civilização grega.

Antes de partir ao encontro dos templos gregos no extremo sul da ilha siciliana, Freud escreveu um solene juramento na carta à Martha:

"Prometo solenemente que, durante as iminentes fainas do ano, recordarei sempre que já recebi e consumi a minha melhor parte nesta vida. Estar aqui é o coroamento de que já realizei até agora. Ainda não tinha visto o conjunto com tanto esplendor, tantos panoramas, perfumes e tanto bem-estar. Tenho daqui a visão de síntese. Ainda desejo encontrar em Siracusa algo de bom. Para não dizer que estou feliz e assim despertar a inveja dos deuses, digo-lhe que hoje lemos notícias sobre o cólera em Nápoles"[1].

No final da viagem, relatou a Jung: "A viagem foi rica e substanciosa e satisfez diversos desejos, o que há muito tempo era necessário para a economia psíquica. A Sicília é a região mais bela da Itália e conservou trechos verdadeiramente únicos da antiguidade grega desaparecida, reminiscências infantis que permitem extrair conclusões a respeito do complexo de Édipo"[2].

Na Sicília, Freud encontrou a gênese da civilização ocidental e, ao mesmo tempo, a gênese de seu percurso, desde os *Estudos sobre Histeria* (1895) até o *Totem e Tabu* que foi gestado durante a viagem e publicado em 1914. De igual modo, foi a realização de um sonho: percorrer os lugares visitados e

---

[1] RICCI, G. *As cidades de Freud*, p.154

[2] RICCI, G. Idem, p.154

narrados por Goethe: os templos da Concordia, de Juno, de Júpiter, de Hércules, de Esculápio. As mais preservadas reminiscências da infância da civilização ocidental.

Enquanto Freud tinha sua singular perspectiva da viagem, o companheiro estava capturado num conflito irredutível: ser o discípulo/filho ou o amigo liberto do ideal identificatório com a figura do mestre/pai. Inibido e assolado pela angústia não conseguiu usufruir da paisagem e nem dos encantos da mítica ilha. Passou os dias deprimido e macambuzio, capturado pela dúvida neurótica de não corresponder às expectativas do mestre.

O retorno foi marcado por um silêncio epistolar. Ferenczi tomou a iniciativa de escrever (28/09/1910): “Lamento não ter sido um companheiro à altura do que o Sr. desejava. Minha demanda neurótica de ter um pai e ser educado por ele estragou o passeio. Espero que, apesar disso, possa continuar desfrutando de sua amável companhia. Por ora, gostaria apenas de dar um sinal de vida e agradecer de coração os esforços que o Sr. tem feito como comandante da viagem”.

Freud respondeu com amabilidade dizendo guardar apenas "recordações calorosas e simpáticas de sua companhia durante a viagem, embora tenha me causado pena por sua decepção e eu tenha desejado que o Sr. fosse diferente em alguns aspectos. Esperava que o Sr. se libertasse da condição infantil e que estivesse ao meu lado como um companheiro em pé de igualdade, o que não lhe foi possível. O Sr. estava inibido e procurando em mim um ideal a ser imitado. Estou farto de ser convocado a ocupar a função de mestre”.

Diante da franqueza de Freud, a resposta de Ferenczi é um dos mais expressivos exemplos da relação transferencial analítica em atuação no conjunto da *Correspondência*. Primeiro, reconheceu que a interpretação de Freud sobre a demanda infantil estava correta e, lamentou-se: “foi uma terrível falta de consideração de minha parte estragar suas merecidas férias. Esperar que o Sr. me educasse como um pai, mostrando a mim os meus defeitos, foi demasiado inoportuno. Prometo me esforçar para estar em pé de igualdade e ser-lhe um amigo fiel”.

Esforçou-se tanto que veio morrer de exaustão aos sessenta anos em 1933. No obituário, Freud reconheceu a fidelidade do amigo e a felicidade de contar com sua amável presença: “Por vários anos passamos as férias de outono na Itália e vários ensaios que fazem parte da literatura psicanalítica nasceram nestes passeios. É impossível imaginar que a história da nossa ciência o esqueça algum dia”.

3 - A ruptura do triângulo

A solicitação explícita e intencional de análise, formulada na carta de 26/12/1912, só foi possível quando a triangulação Freud-Jung-Ferenczi se rompeu. Há uma sequência de cartas de Freud que antecedem a famosa carta de dezembro nas quais anuncia a ruptura com Jung e é importante resgatar o teor dos predicados atribuídos por Freud e o modo como instiga Ferenczi a descartar também Jung.

Enquanto Ferenczi relatava sua ladainha de sintomas conversivos, Freud estava ocupado com sua relação com Jung. Na carta de 28/07/1912 encontramos: "sigo com interesse todos os relatos sobre seus acontecimentos mais íntimos, mas continuo pensando que o único dever de amigo é deixá-lo em paz (...) no que diz respeito a Jung, agora está tudo totalmente claro".

Reproduziu uma breve carta recebida de Jung e conclui: "de início não responderei, vou deixar passar algumas semanas e não fazer absolutamente nada, o que facilita uma ruptura formal. Vamos ver. (...) Jung está numa neurose galopante. Seja como for que isso acabe, minha intenção de fundir judeus e *goym*[3] a serviço da psicanálise parece-me, neste momento, fracassada. Eles se separam como agua e óleo. Você deve estar muito satisfeito com minha maneira de ver tudo isso. Estou à vontade, totalmente imparcial e intelectualmente em posição de superioridade".

Ferenczi capturou a mensagem e respondeu (06/08/1912): "depois de tudo o que conheço do comportamento de Jung, sua declaração de guerra oficial foi capaz de me entristecer, mas não de surpreender (...) ele trata a psicanálise como se fosse um assunto pessoal entre vocês dois e não algo objetivo e científico (...) alegro-me muito que tenha aceito tão facilmente a defecção de Jung. Isso me prova que seu desesperado esforço em criar um sucessor pessoal foi definitivamente deixado de lado e que o Sr. abandonou a causa da psicanálise a sua própria sorte, depois de ter feito tudo o que lhe foi possível".

Na carta de 12/08/1912 Freud inscreveu o tom para o que estava acontecendo e fez a primeira menção à formação do Comitê Secreto pela vigilância do desenvolvimento da psicanálise: "do reino científico: creio que a psicanálise permite que se reconheçam dois estágios originários da organização humana: a horda do pai e o clã dos irmãos [referência clara ao *Totem e Tabu* ainda em germe]. Este último desenvolve a primeira religião, o totemismo, porém, é a obediência a posteriori aos mandamentos da primeira fase. Assim, o pai é inicialmente vencido; como pouco a pouco os irmãos unidos foram eles mesmos se tornando pais, o pai retorna, mas agora provavelmente como Deus".

Na carta de 21/10/1912 Ferenczi iniciou sua crítica as posições de Jung no campo da psicanálise e em especial sua concepção de libido, afirmando que ele não tinha o menor conhecimento do que é o inconsciente. Na carta seguinte (25/10), a artilharia de Budapeste continuou: "como foi possível que tivéssemos deixado passar despercebidos os processos de pensamento paranoicos presente na concepção de libido formulada e Jung. A cada momento ele sai dos trilhos da observação científica e se transforma em fundador de religião. Sua preocupação não é a teoria da libido, mas a salvação da comunidade cristã. Ele identifica a confissão com a terapia psicanalítica e não quer renunciar a homossexualidade (comunidade cristã) e prefere detestar a sexualidade e goza em ser adorado pelos cristãos. Ele se encontra numa confusão incurável de complexos mitológicos". Conclui afirmando que ainda não se encontra bem de saúde e não tinha nenhuma pista sobre sua suposta sífilis - crônica queixa hipocondríaca a percorrer várias cartas.

---

[3] Na língua hebraica, *goyim* significa gado, povo, plebe. Diz-se da pessoa que não é judia, de outras religiões.

Ao que Freud respondeu (27/10): "é supérfluo dizer que suas observações sobre Jung me parecem totalmente evidentes, só que uma parte da crítica precisaria ser feita de outra maneira". Um mês depois, na carta de 26/11, Freud informou sobre o "concílio de Munique" relatando a longa conversa que teve com Jung: "eu não lhe poupei de nada, disse-lhe calmamente que uma amizade com ele não poderia ser mantida, que ele mesmo havia evocado uma intimidade com a qual viria a romper tão brutalmente depois; que ele não estava bem com o Homem, o masculino, em geral, não apenas comigo, mas também com os outros; que ele repelia a todos depois de um certo tempo".

Jung acompanhou Freud até a estação de embarque, despediu-se com as últimas palavras: "o Sr. me encontrará sempre devoto à causa da psicanálise". No trem, Freud teve uma crise de angústia e desmaiou por um momento: "mas eu mesmo me levantei e por um tempo tive náuseas que à noite se transformaram em uma dor de cabeça e bocejos, um resíduo de meus males de verão. Na noite de volta a Viena, dormi muito bem e cheguei aqui muito tranquilo".

Ferenczi respondeu (28/11): "considero correta a sua interpretação do comportamento de Jung; o núcleo de falsidade, sobre a qual o Sr. falou com ele, deve também ser o núcleo de sua neurose". Em 07/12 voltou a escrever relatando seu histórico de sintomas conversivos para concluir: "se houve um fator psíquico na patogênese de minha doença e se o seu objetivo foi o de reaproximar-me de Frau G., então a doença cumpriu seu dever (...) espero que pouco a pouco eu possa relatar mais da ciência e menos de doenças".

Ao que Freud respondeu (09/12): "não acredito, nem por nenhum instante em sua sífilis. Há um traço hipocondríaco evidente na história de sua doença"; e engatou novamente a querela com Jung: "ele é um doido, suas cartas oscilam entre a ternura e a arrogância presunçosa e todos os relatos mostram que ele considera seus erros como grandes descobertas".

Na carta de 23/12 Freud desejou-lhe uma feliz natal e urgente recuperação "desta entediante história" de doenças irremediáveis do amigo húngaro que serviam como justificativas defensivas frente a demanda de trabalho que a causa exigia.

Na sequência, enviou em anexo “a insolente e inaudita carta” que recebeu de Jung dizendo que iria tomar o partido de Freud na disputa com Adler: "ele realmente quer me provocar de modo que a culpa do rompimento recaia sobre mim e dizer que eu não suporto a análise (...) ele se contra como um palhaço extravagante e um tipo brutal, o que de fato ele é (...) minha construção da refeição totêmica se confirma na prática: de todos os lados, os irmãos caem sobre mim e, sobretudo, é claro, os fundadores de religiões (...) na crise atual não quero prejudicar a existência de nossa publicação. Mas acho que Jung teme a dissolução da Associação mais do que nos, e agora quer me absorver a partir da Associação. Permanecerei muito reservado, mas aceito de bom grado os conselhos que me der"

4 – O pedido de analise intencional

É neste chamado que se insere a carta de 26/12/1912; na qual Ferenczi formulou o pedido de análise intencional com Freud. Antes de formular o pedido explicitamente, forneceu os conselhos solicitados:

"O comportamento de Jung é de uma impertinência inaudita. Esqueceu de que foi ele próprio que exigiu à comunidade analítica o tratamento dos alunos como pacientes e condição necessária para que os mesmos viessem a praticar a psicanálise. Mas quando se trata dele, não quer mais fazer valerem as regras por ele proposta. Agora ele pretende ficar fora das regras por considerar a análise mútua um absurdo e marcada por uma impossibilidade. Ele quer ser a exceção à regra. Cada um de nós deve ser capaz de suportar uma autoridade sobre si, da qual aceita as correções analíticas. O Sr. é mesmo o único que se pode permitir renunciar a um analista. O Sr. é a única exceção por não ter à sua disposição um analista igual ou ainda superior; prática a análise há mais de quinze anos e armazenou experiências que ainda nos falta. Apesar de todos os defeitos da autoanálise, devemos esperar do Sr. a capacidade de controle sobre seus sintomas. Mas o que vale para o Sr. não vale para nós.

E agora, vamos a mim. Também sou um caso a ser tratado - mas em mim há um progresso inegável, na medida em que tenho consciência disso. Minha intenção é de muito em breve entrar em análise com o Sr. De início por umas duas ou três semanas. Alguns dados poderiam orienta-lo sobre mim”.

A carta segue com um extensivo relato sobre sua história desde a infância com minúcias que demonstram a seletividade de fatores que supostamente seriam preliminares a análise demandada no futuro de um pretérito imperfeito. Ferenczi concluiu a missiva: “Perdoe-me por esta análise gratuita que lhe extorqui (mesmo que por escrito)".

A resposta de Freud em 30/12 iniciou com o desejo de um feliz ano novo, embora provavelmente muito difícil: "acreditará ou ficará zangado pelo fato de que li sua carta auto analítica, mas ainda não a tenha refletido como deveria? Assim, eu em parte frustrei suas intenções neuróticas. Ou seja, poder extorquir algo de mim!".

Contou que escrevia após retornar do teatro onde foi assistir a opera *Don Giovani* de Mozart e que teve forte identificação com a cena do banquete entre o herói e o fantasma do comendador. Nela reconheceu seu estado e a situação do movimento psicanalítico: "A carta a Jung não foi enviada. Que se dane! Não preciso dele e de sua amizade. Se me restarem quatro ou cinco auxiliares, afrontarei a situação tão bem quanto antes, quando tive de enfrentar as resistências sozinho".

Nas cartas seguintes, nenhuma palavra sobre o relatório auto analítico de Ferenczi. Freud estava muito ocupado com sua situação com Jung. Em 05/01/1913, fez um comunicado importante: "Fico feliz em saber que o Sr. está bem neste momento atual que nos é tão necessário ficarmos bem. Comunico-lhe que encontrei boas e educadas frases, embora inequívocas, para interromper as relações privadas com Jung. As atitudes dele revelam o quanto é um patife neurótico. Se ele estivesse em tratamento comigo e pagando por ele, eu teria de lidar com o que ele diz, mas assim, posso poupar-me e utilizar minhas forças em outras coisas".

As boas e educadas frases utilizadas de forma inequívocas por Freud foram enviadas a Jung no dia 03/01: "está combinado entre nós, analistas, que nenhum de nós deve se envergonhar de seu pedaço de neurose. Mas aquele que, se conduzindo de forma sintomática, apresenta-se como modelo de normalidade, desperta a desconfiança de que lhe falta a consciência de sua condição neurótica. Desse modo, não me resta mais nada do que romper definitivamente nossas relações privadas".

A resposta de Jung, que se cruzou com a carta de Freud no mesmo dia em que foi remetida, diz o seguinte: "ofereço ao Sr. os mesmos cuidados psicanalíticos que o Sr. por vezes me oferece".

5- Ferenczi analista didata de Ernest Jones

Uma das primeiras experiências de análise didática foi realizada com quem não havia passado pela própria vivencia de análise intencional. Entre junho e julho de 1913, Ernest Jones realizou duas sessões diárias de análise didática com Ferenczi por recomendação de Freud que na época era analista da esposa de Jones e cujo desfecho foi a separação do casal. Note-se que Freud o colocou nesta condição sem que o mesmo tivesse ainda uma experiência formal de análise.

Na carta de 04/05/1913 Freud escreveu ao amigo húngaro que achava melhor ele esperar para iniciar a análise e considerou 4 ou 6 semanas tempo insuficiente; julgava mais oportuno "não privar um de meus assistentes mais indispensáveis ao perigo do distanciamento das pessoas devido a análise". Reafirmou sua convicção de que os sintomas relatados por Ferenczi não tinham causalidade orgânica e sua queixa neurastênica hipocondríaca encontraria no trabalho intelectual uma forma de deslocamento. Freud protelou o quanto pode em aceitar Ferenczi em seu divã.

Na mesma carta confessou sua preocupação em relação a Jones: "não sei como ele irá suportar saber que sua mulher, por causa da análise, não quer mais ser sua mulher. Deve-se supor daí que as mulheres são mais inteligentes do que nós e que, com razão, obrigam-nos a seguir suas vontades e desejos?".

Na carta de 07/06/1913 Ferenczi fez o primeiro relato da análise com Jones: "acho que dará certo a análise com Jones. No momento, ele interpreta demais e só fornece material antigo, que já lhe é conhecido, a transferência ele já trouxe consigo para o tratamento e se esforça por ser sincero".

A resposta de Freud veio no dia seguinte: "alegra-me saber que Jones começa bem. Seja rígido e terno com ele. É uma boa pessoa. Alimente a ninfa, de modo que ela possa transformar-se numa rainha (deusa)".

Nas cartas seguintes o caso Jones foi narrado com certo entusiasmo mútuo e entremeios à leitura que Freud solicita de ambos (analista e analisando) sobre a redação final do *Totem e Tabu*. Em 17/06, Ferenczi acusou o recebimento das primeiras migalhas do banquete totêmico e se disse incapaz de oferecer alguma contribuição pois se tratava de um assunto inteiramente novo para ele. "Jones é muito agradável como amigo e colega. Na análise, seu excesso de bondade age como obstáculo. Ele parece temer que eu conte ao Sr. tudo o que

fico sabendo na análise. Já o vejo um pouco menos modesto, isto é, mais sincero".

Dias depois (23/06) voltou a relatar sua impressão sobre o *Totem e Tabu* dizendo que ele e Jones estavam lendo em conjunto; concluindo estar totalmente seguro que este trabalho se tornaria um dia o "ponto modal da ciência da história da cultura humana". Terminou a carta expressando: "Jones é meu melhor e mais querido paciente: é aplicado, obediente é um amigo realmente confiável; acho que poderemos construir alho apoiados nele. O breve período de resistência foi substituído por bons progressos".

Na carta de 05/08 Ferenczi comunicou a Freud que Jones o deixou a quatro dias e confessou sentir muito a falta dele: "tornamo-nos amigos íntimos; aprendi a amá-lo e estima-lo; foi um prazer ter um aluno assim tão inteligente, fino e distinto. A análise teve um efeito muito favorável sobre ele. Suas convicções adquiriram uma fundamentação mais sólida, sua independência aumentou e, provavelmente, também aumentou a coragem para um pouco mais de originalidade. Espero que ele obtenha o domínio sobre suas tendências neuróticas a partir de agora".

Três meses depois Ferenczi escreveu a Freud para dizer que Jones anunciava a fundação da Sociedade de Psicanálise de Londres na qual assumiria a função de presidente.

6 - O caso Ferenczi nomeado por Ernest Jones

Construções em Análise e *Análise Terminável e Interminável* são os últimos escritos técnicos de Freud escrito dois anos antes de morrer. É uma espécie de testamento clínico de Freud que demonstram suas posições como psicanalista no crepúsculo de sua existência.

O ensaio clínico *Análise Terminável e Interminável*[4] deixa no leitor a impressão de um certo pessimismo schopenhauriano no que diz respeito a eficácia terapêutica da psicanálise. Desde o início da década de 1930, Freud afirmou em várias passagens que nunca fora um terapeuta entusiasmado na cura dos sintomas neuropsicóticos. Examinava com rigor as dificuldades práticas e teóricas de terapia teleologicamente dirigida pela cura. Se não há cura, por certo há tratamento. A questão permanece: o tratamento ético exigido pela psicanálise tem ou não um fim?

Neste aspecto, é preciso distinguir fim e finalidade: fim é submetido aqui à lógica da temporalidade não cronológica; finalidade tem relação com *télos* (fim, finalidade, conclusão, acabamento, realização, cumprimento)[5]. Terminável ou

---

[4] Vou adotar esta tradução escolhida por Jacques Lacan para o título do ensaio de Freud sobre a questão do fim da análise. Na edição Standard Brasileira das Obras Completas publicado pela Imago o título é *Análise Terminável e Interminável* (1937).

[5] O vocábulo *Télos* em grego é o que permite avaliar ou determinar o valor e a realidade de alguma coisa.

não depende da concepção teleológica que se tem da terapêutica adjetivada psicanalítica.

Logo no início do ensaio, Freud recorreu [como sempre aliás] à experiência como seu mestre e guia: "ela nos ensinou que a terapia psicanalítica - a libertação de alguém de seus sintomas, inibições e anormalidades de caráter neurótico - é assunto que consome tempo. Daí, desde o começo, tentativas terem sido feitas para encurtar a duração das análises". Citou o livro de Otto Rank, *O Trauma do Nascimen*to (1924), dizendo que os argumentos do autor eram audazes e engenhosos, mas não suportou o teste do exame crítico [ver o artigo *Inibição, Sintoma e Angústia* escrito em 1926]. Considerou o livro de Rank produto de seu tempo, "concebido sob a tensão do contraste entre a miséria do pós-guerra na Europa e prosperidade dos EUA, projetado para adaptar o ritmo da terapia analítica à pressa da vida americana (tempo é dinheiro)"

A ironia de Freud compareceu: "não sabemos muito o que o plano de Rank fez pelos casos de doença. Provavelmente não fez mais do que faria o Corpo de Bombeiros se, chamado para socorrer uma casa em chamas causada pela lamparina, se contentasse em retirar a lamparina do quarto. É fora de dúvida que tal ato pouparia consideravelmente a ação dos bombeiros". Concluiu: "a teoria e a prática do experimento de Rank são coisas do passado - não menos que a prosperidade americana"

No caso de Ferenczi, digníssimo destinatário in memoriam do ensaio, as coisas se passam diferente. Freud fez referência a ele em três momentos:

1) como paciente, ou seja, um caso clínico para ilustrar seus argumentos. Ocorre que esta forma é subliminar, não nomeada, assim como todos os fragmentos de casos ao longo de toda obra. Através do biógrafo oficial Ernest Jones o leitor fica informado que o exemplo clínico citado tem identidade: Sándor Ferenczi.

O caso Ferenczi, escrito num único parágrafo, apareceu na sequência de um axioma: "somente quando um caso é predominantemente traumático é que a análise alcançará sucesso (...) só em tais casos pode-se falar de uma análise que foi definitivamente terminada (...) em vez de indagar como se dá uma cura pela análise, os analistas deveriam se perguntar quais são os obstáculos no caminho de tal cura".

É com este propósito [os problemas que surgem na prática clínica da psicanálise] que o caso Ferenczi foi apresentado:

"Certo homem (sic!), realizou a autoanálise com grande êxito e tornou-se praticante da psicanálise com igual sucesso, chegou à conclusão de que suas relações com homens com os quais rivalizava e mulheres que amava, não estavam livres de impedimentos neuróticos. Solicitou análise a um outro analista que julgava superior a si. Esta decisão teve um resultado totalmente bem-sucedido. Casou-se com a mulher que amava e se transformou em amigo e mestre de seus supostos rivais. Muitos anos se passaram e sua relação com o antigo analista permaneceu tranquila e serena. Mas de repente, sem qualquer razão externa mensurável, surgiram problemas e conflitos. O homem que foi analisado se tornou adversário antagonista do seu analista e começou a

criticá-lo por ter falhado em lhe proporcionar uma análise completa. Ele dizia que seu analista deveria ter sido capaz de identificar as manifestações de ódio na transferência. Para ele a transferência não era somente uma atualização do amor (positiva) mas também comportava também elementos agressivos (negativa). O analista se defendia dos ataques dizendo que, na época da análise, não havia signos de transferência negativa. Mesmo que tivesse falhado em reconhecer tais manifestações - o que não estava totalmente excluído, considerando o horizonte limitado da análise naquele tempo - ainda era duvidoso, supunha o analista, se poderia apontá-lo e ativar um assunto que não estava presente no discurso e nas atitudes do paciente. Ativá-lo seria uma impostura do analista. Isto porque, nem toda boa relação entre um analista e seu analisante, durante e após a análise, deve ser reconhecida como transferência; há também relações de amizade que não sofrem os efeitos da transferência e já demonstraram ser viáveis e frutíferas".

2) no último parágrafo do item III onde Freud informou sobre o estado atual de sua prática clínica: "uma experiência clínica de décadas e uma mudança em minha própria atividade incentivam-me a tentar responder as questões levadas (se há possibilidade de eliminar para sempre o conflito entre as exigências pulsionais e as defesas do eu; se enquanto tratamos deste conflito podemos imunizar o paciente para outros do mesmo tipo; se temos o poder, para fins de profilaxia, despertar um conflito que ainda não está atuando e se é aconselhável fazê-lo)".

Freud reafirmou, no passado, seu desejo de curar pois tratável de um grande número de pacientes. "Nos últimos anos, dediquei-me principalmente a análises didática". É neste ponto que devemos situar a escrita do caso Ferenczi.

Depois de argumentar sobre as questões citadas, concluiu: "ao reivindicar como meta terapêutica a cura das neuroses assegurando o controle sobre as pulsões, a psicanálise está correta na teoria, mas nem sempre na prática. Isso porque ela nem sempre obtém êxito, em grau suficiente, para tal empreitada. As bases sobre as quais o controle das pulsões se daria são muito frágeis e é fácil descobrir a causa de tal fracasso parcial (...) o poder dos instrumentos com que a análise opera não é ilimitado, mas bem restrito e o resultado final depende sempre da força relativa dos agentes psíquicos que estão lutando entre si".

Neste ponto, o nome de Ferenczi é citado como um "mestre da psicanálise" pois dedicou-se com muito esforço a experimentos terapêuticos de abreviar o tratamento e, infelizmente, constatou Freud, o resultado foi em vão. Apostar na eficácia do tratamento psicanalítico através de um trabalho assistencial ao ego é manter atuante a influência hipnótica do início da experiência clínica de Freud. "As razões pelas causas abandonei este procedimento já são suficientemente conhecidas. Ainda não foi encontrado substituto algum para a hipnose".

3) no penúltimo item do ensaio Freud iniciou citando o "instrutivo artigo" de Ferenczi sobre o problema do termino das análises, comunicado no Congresso de Innsbruck em 1927: "Ele concluiu com a confortável garantia de que a análise não é um processo sem fim, mas um processo que pode receber um

fim natural, com perícia e paciência suficiente por parte do analista. Demonstra ainda o importante ponto de que o êxito depende muito de o analista ter aprendido o suficiente de seus próprios erros e equívocos e ter levado a melhor sobre os pontos fracos de sua própria personalidade".

É neste aspecto que Freud se ancora para interrogar a resistência pelo lado do analista [o que Jacques Lacan soube fazer como ninguém ao interrogar a análise didática]. Qual o padrão de normalidade psíquica exigível de alguém que decide ocupar a função de conduzir um tratamento em psicanálise? O mestre Freud não fugiu da raia e decidiu enfrentar a questão.

Contra os argumentos dos opositores, sustentou que "os analistas são pessoas que aprenderam (sic!) a praticar uma arte específica; a partir disso, são seres humanos como quaisquer outro". Comparando com a prática medica, concluiu: "é razoável esperar de um analista, como parte de suas qualificações, um grau considerável de normalidade e correção psíquica. Além disso, ele deve possuir algum tipo de superioridade, de maneira que, em certas situações analíticas, possa agir como modelo para seu paciente é, em outras, como professor. E, finalmente, não podemos nos esquecer que o relacionamento analítico se fundamenta no amor a verdade e que isso exclui qualquer tipo de impostura ou engano".

Após alinhar a terapêutica analítica às outras duas profissões do impossível [governar e educar] concluiu: “não podemos exigir que o analista seja um ser perfeito antes que venha assumir a função de conduzir o tratamento de outro que demande análise. Mas onde e como pode o infeliz pretendente a analista adquirir as qualificações ideais de que necessitará em seu trabalho? A resposta é: na análise de si mesmo, com a qual começa sua preparação para a futura atividade. Por razões práticas, essa análise só pode ser breve e incompleta. Essa análise terá realizado seu propósito se oferecer uma fiem convicção da existência do inconsciente, se o capacitar, quando o material recalcado surge, a perceber em si mesmo coisas que de outra maneira seriam inacreditáveis. Só isso não bastaria. No entanto, encontrando apoio no que adquiriu em sua própria análise, a análise não cessa. O remodelamento do ego prossegue espontaneamente no indivíduo analisado. Isso de fato acontece é, na medida em que acontece, o qualifica para ser, ele próprio, analista".

Finalizou indicando que "todo analista deveria periodicamente - com intervalo de aproximadamente de 5 anos - submeter-se mais uma vez à análise, sem se sentir envergonhado por tomar esta decisão. Isso significaria, portanto, que não seria apenas a análise terapêutica dos pacientes, mas sua própria análise que se transformaria de tarefa terminável em interminável".

7 – Conclusão: a saudação de Freud ao amigo Ferenczi

Para concluir esta incursão cartográfica sobre a correspondência, destaco dois breves textos que demonstram o legado à história das posições de Freud sobre Ferenczi.

Em 1923, o psicanalista húngaro completou cinquenta anos de vida e, como de costume na época, Freud redigiu-lhe uma saudação. Iniciou narrando o histórico encontro do jovem medico neurologista e especialista em medicina legal com a psicanálise através da leitura da *Interpretação dos Sonhos* em

1908. Descreveu aspectos biográficos de sua atuação no movimento psicanalítico nos últimos dez anos, "em que se tornou, ele próprio, mestre e professor de psicanálise". O primeiro encontro pessoal, numa visita à Freud em Viena, "foi sucedido por uma longa, intima e até hoje imperturbada amizade”.

No II Congresso em Nuremberg (1910) Ferenczi fez sua entrada oficial no movimento psicanalítico, propondo e ajudando a fundação da IPA; foi um dos grandes defensores da causa freudiana frente o desprezo com que a análise era tratada pelos médicos. Foi eleito presidente da IPA no V Congresso em Budapeste (1918) e fundador da Sociedade Psicanalítica de Budapeste, tornando esta cidade a capital da psicanálise na Europa: "sob sua orientação tornou-se um centro de trabalho intenso e produtivo; e distinguiu-se por acúmulo de capacidades de todas as demais filiais da psicanálise".

Em meio a narrativa dos feitos de Ferenczi, uma interpretação se destaca: "sendo o filho do meio numa grande família, teve de lutar com o poderoso complexo fraterno, tornos- se, sob influência da análise, um irmão mais velho irrepreensível, um professor bondoso e um provedor de talentos jovens".

As *Conferências Populares de Psicanálise*, publicadas por Ferenczi em 1922, foi reconhecida por sua "escrita de forma fascinante, clara e formalmente perfeita, e é a melhor Introdução a Psicanálise disponível aos que ainda não estão familiarizados com ela. Seus escritos o tornaram universalmente conhecido e apreciado".

Os superlativos, próprios numa saudação de destaque das virtudes de um grande homem, estão presentes na escrita de Freud: "sua realização científica é impressionante, sobretudo em virtude de sua multilateralidade" e seu trabalho é destacado nos casos clínicos bem escolhidos: exemplares e polêmicos contra os que se desviaram da rota traçada. “Sua originalidade (imaginação científica bem dirigida, riqueza de ideias) se demonstrou em *Introspecção e Transferência* de 1909, no qual "ampliou importantes sessões da teoria psicanalítica e promoveu a descoberta de situações fundamentais da vida psíquica e criou uma abordagem nova chamada terapia ativa".

Concluiu: "por incompleta que seja essa enumeração, seus amigos sabem que Ferenczi reteve até mais do que tinha sido capaz de comunicar. Em seu quinquagésimo aniversário, eles estão unidos para desejar que lhe possa ser garantida força, lazer e disposição psíquica para trazer seus planos científicos à efetivação em novas realizações."

Dez anos depois, Freud escreveu o obituário do amigo querido que neste intermezzo havia se afastado e rompido com aquele a quem se propôs não medir esforços para estar em pé de igualdade.

Retornou às felicitações do quinquagésimo aniversário onde Freud pode “louvar publicamente sua versatilidade e originalidade, sua riqueza de dotes; mas descrição adequada de um amigo me impediu de falar da personalidade afetuosa, amável, aberta para tudo significativo". Relembrou a viagem à América em 1909: "eu lhe pedia sugestões sobre o que deveria falar e ele me fazia um esboço, que meia hora depois eu desenvolvia, numa exposição improvisada. Assim ele participou da gênese das Cinco Conferências proferidas na Clark University”.

No Congresso de Nuremberg em 1910 “eu próprio o incumbi da organização dos analistas numa Associação Internacional tal como vigora até hoje. Por vários anos passamos juntos as férias de outono na Itália e vários ensaios que fazem parte da literatura psicanalítica nasceram nestes passeios. Quando irrompeu a grande guerra ele iniciou sua análise comigo. O sentimento de tranquilidade que compunha comigo não foi perturbado quando, já tarde na vida, é verdade, ele se ligou à excelente mulher (Frau G.) que hoje o pranteia, sendo sua viúva”.

Destacou ainda que “a maioria de seus escritos converteram muitos analistas em seus discípulos. Na minha opinião, sua maior contribuição surgiu em 1924: *Talassa - Ensaio de uma teoria da genitalidade*; uma aplicação da psicanálise à biologia dos processos sexuais, talvez a mais audaciosa aplicação que jamais se tenha feito. Após essa realização culminante, aconteceu que gradualmente nosso amigo se afastou. A necessidade de curar e ajudar tornou-se nele predominante. Provavelmente ele se impôs metas inalcançáveis com os meios terapêuticos de hoje. É impossível imaginar que a história da nossa ciência o esqueça algum dia".

Bibliografia:

Correspondência Sigmund Freud & Sándor Ferenczi. Volume I – Tomo I (1908-1914) e volume I – Tomo 2 (1912-1914). Rio de Janeiro: Imago,1994. [o projeto de tradução de toda correspondência no Brasil naufragou por razões que ignoro e, lamentavelmente, ficou incompleto e com edição esgotada a muito tempo]

The Corresponde of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi. Volume 1 (1908-1914 [1993]); volume 2 (1914-1919 [1996]); volume 3 (1920-1933 [2000]). Translated by Peter Hoffer. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press.

FREUD, S. (1937 [1975]). “Análise terminável e interminável”, in: *Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago.

_________ (1923 [1975]). “Dr. Sándor Ferenczi em seu 50º aniversário”, in: *Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago.

_________ (1933 [1994]). “Sándor Ferenczi”, in: *Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago.

ANDRÉ, S. "Freud e Ferenczi: fracasso e sucesso da transmissão" e "Ferenczi, vítima ou carrasco?" in: *A Impostura Perversa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CHAUVELOT, D. "Em torno de Freud - seu bando" in: *Por Amor a Freud*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997

COTTET, S. “Uma sexta psicanálise de Freud: o caso Ferenczi” in: *Ornicar? 1-De Jacques Lacan a Lewis Carrol*. Jacques-Alain Miller (org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GAY, P. "Os estrangeiros" e "Troféus e Obituários" in: *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

RICCI, G. “A segunda Europa”, in: *As cidades de Freud: itinerários, emblemas e horizontes de um viajante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

ROUDINESCO, E. "O movimento psicanalítico internacional" in: *História da Psicanálise na França - vol.1 A Batalha dos Cem anos 1885-1939*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.